



Memória e ação cultural: em busca de novas representações da velhice pobre¹

Josimara Aparecida DELGADO²
Universidade Católica do Salvador – UCSal

Bruno FUSER³
Marcos Antonio de Oliveira SANTOS⁴
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo

Trazemos aqui reflexões sobre uma experiência coletiva de intervenção e pesquisa com velhos moradores de um bairro popular de Juiz de Fora-MG, baseada na produção cultural comunitária em torno de narrativas e memórias. Os principais referenciais teóricos são Thompson (1998), Williams (1992), Certeau (2007), Britto da Motta (1999) e Chauí (2006). A base empírica de nosso trabalho se constitui de registros audiovisuais – em especial dois vídeos sobre atividades de culinária - que produzimos acerca dos modos de vida dos velhos e suas narrativas de histórias de vida. Trabalhamos com 13 idosos entre 65 e 87 anos, moradores do bairro Dom Bosco. As narrativas registradas mostram a diversidade do envelhecimento, mas também suas grandes marcas sociais, dadas pela classe, a geração e o gênero. A produção audiovisual se desenvolveu como parte de uma ação cultural pautada pela perspectiva da cidadania cultural. Este projeto tem apoio da FAPEMIG.

Palavras-chave: memória; velhice; gerações; cidadania; identidades culturais

1) Introdução

O projeto “Envelhecimento e Memória”⁵, inserido como parte das atividades da Faculdade de Serviço Social financiadas pelo MINC, estabeleceu no ano de 2009 intensa interface com outro projeto, denominado “Comunicação, Memória e Ação Cultural”⁶. Apresentamos aqui alguns aspectos dessa experiência coletiva, que ainda necessita ser submetida a maior reflexão, ao mesmo tempo em que caminha para sua finalização, prevista para outubro de 2010.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Serviço Social pela UFRJ, professora do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador (UCSal). E-mail: josidelgado@oi.com.br.

³ Doutor em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo, professor adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: bruno.fuser@ufjf.edu.br.

⁴ Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa, bolsista de apoio técnico (Fapemig) projeto Comunicação, Memória e Ação Cultural. E-mail: marcosoliveirajornalista@gmail.com.

⁵ Projeto coordenado por Josimara Delgado.

⁶ Coordenação executiva de Josimara Delgado e Bruno Fuser. Este projeto conta com parceria institucional do Grupo Espírita Semente e possui apoio financeiro da Fapemig.

A perspectiva geral é a realização de um trabalho de pesquisa e intervenção social baseado em memórias e narrativas com idoso de um bairro periférico da cidade mineira de Juiz de Fora, o bairro Dom Bosco. Trata-se de uma experiência de educação comunitária baseada na reconstrução coletiva da memória e na produção/identificação/valorização de seus suportes objetivos. Por meio de trabalhos com a memória, é possível refletir com uma coletividade sobre sua história comum e os processos de continuidade e mudanças que vão regendo a vida social e criando condições determinadas para as relações entre jovens e velhos num determinado contexto. O trabalho tem, pois, incidência no âmbito das gerações. Assim, o objetivo desse esforço é criar alternativas com a população, quanto à recriação e transmissão de seus referenciais culturais e ao enfrentamento de suas necessidades materiais - processos que, na realidade concreta, estão imbricados.

2) Geração, cultura e política

Quando se propõe pensar as relações sociais a partir do enfoque na noção de geração, coloca-se em pauta o modo como uma sociedade organiza sua reprodução e a transmissão de heranças culturais o que é uma questão central da sociedade moderna. O ritmo acelerado das mudanças sociais, característico da contemporaneidade, reatualiza essa questão e lhe confere novas configurações. Um fenômeno central nesse sentido é dado pelas novas formas de relação entre as gerações, que se caracterizam pela convivência mais prolongada de grupos geracionais diferentes, tanto em espaços públicos como privados, bem como por mudanças nas estruturas e processos sócio-culturais que pautam essas relações, tais como as mudanças no mundo do trabalho e nos sistemas de proteção social, os processo de individualização das relações, a flexibilização dos comportamentos, inclusive das marcas que definem velhice e juventude, e a mediação do mercado mundial de produtos. Vivemos numa sociedade que, nesta dinâmica de mudanças, recoloca questões sobre quem tem o direito ao trabalho e ao descanso, quem deve cuidar e prover, enfim, questões diretamente ligadas a seus critérios de distribuição do direito entre as gerações, bem como aos papéis de jovens e velhos na vida social.

É esse o contexto de questões que temos como pano de fundo para o trabalho com os idosos do bairro Dom Bosco, tema desse artigo. A opção por trabalhar com esse grupo de idosos, a partir de suas diversas narrativas, como expressões de seu universo

cultural, surge da percepção desses senhores e senhoras como importantes interlocutores no desvendamento de nossa sociedade. Conhecer essa velhice, trabalhando com ela, registrando suas narrativas e modos de vida, foi uma forma de tentarmos compreender esse contexto de questões a partir de um lugar social e simbólico específico: o lugar constituído pelo velho trabalhador empobrecido, que dedicou muitos anos de sua vida a um trabalho precário em termos da estabilidade e das garantias, mas que, ainda assim, conseguiu se aposentar, o que não significou o fim da vida ativa, e hoje é chamado a cuidar e prover extensas redes de parentes, na medida em que se precariza a condição de seus descendentes. Esse idoso, que tem se tornado expressivo em nossa nova configuração demográfica e social, é, pois, o portador de uma memória social que o distingue como geração no interior das grandes mudanças da sociedade brasileira.

Um dos objetivos centrais do nosso trabalho com esses idosos é justamente reconstruir esse lugar social, reconstruir esse personagem que, se hoje recebe alguma atenção pública, ainda é “invisível”, do ponto de vista cultural, ou seja, ele é visto como alguém que “naturalmente” representa as posturas do passado, às vezes idealizadas como uma visão saudosista, às vezes associadas ao atraso, principalmente do ponto de vista político. Reconstruir a complexidade desse personagem como um sujeito contemporâneo, capaz de elaborar simbolicamente sua condição, mas que é também portador de uma história social específica, que o insere diferencialmente na contemporaneidade, é um dos nossos objetivos.

Nossa proposta tem sido pensar esse personagem do ponto de vista expresso nas formas como o próprio idoso elabora sua condição e identidade por meio de seus recursos e referências culturais, registrados em fotos, narrativas, que têm servido de base para a realização de mostras fotográficas e vídeos, além de oficinas de audiovisual para jovens, adultos e idosos, em uma perspectiva de interação geracional. Tal encaminhamento nos pareceu interessante para superar essas visões estereotipadas acerca da velhice pobre e seu papel nas redes de relações em que participa, geralmente com vizinhos e parentes, importante para suas estratégias práticas e simbólicas de reprodução e satisfação de necessidades.

3) O universo dos velhos: memória e história de vida

O trabalho tem como fundamento a construção de uma relação sócio-educativa diferenciada com os usuários. Trata-se de uma relação embasada na percepção do velho



como portador de uma longa história social e cultural que o constitui através de marcas sociais e biográficas diversas. Marcas que remetem à dinâmica da vida social moderno-contemporânea, com sua história complexa, em que o direito ao passado e à contemporaneidade fazem parte de uma dinâmica contraditória. O velho é narrador desse mundo social e, não por acaso, seu discurso tem como mote a passagem do tempo e a experiência das mudanças.

A vivência do tempo é importante dimensão para o entendimento da experiência do envelhecimento (BRITTO DA MOTTA, 1999). Nas conversas com idosos, em situações de pesquisa, nas oficinas e atendimentos, percebemos a construção de uma temporalidade, ou seja, o tempo se torna humano, fruto de uma vivência - um tempo produzido nas ações, relações e discursos dos sujeitos. As constantes revisões de vida feitas pelos velhos são momentos privilegiados para se compreender essa relação com o tempo. Nesses momentos, eles nos oferecem um olhar específico e significativo sobre a realidade, construído na relação entre presente e passado e permeado pelo exercício de reconstrução da identidade por entre as mudanças, rupturas e continuidades da vida. Nesse exercício, a biografia é refeita e, ao mesmo tempo, a relação do indivíduo com seu universo social é reconstruída. Assim, é muito comum também que as falas dos idosos sobre sua vivência do tempo assumam o tom do conselho, tom próprio de quem se sabe narrador privilegiado de uma história coletiva: história da família, da classe, da geração.

Olhar o velho como um sujeito de experiência, um narrador, não tem, pois, o sentido de vinculá-lo ao passado. Ao contrário, esse olhar dotado de “reservas colossais de tempo” (DRUMMOND DE ANDRADE, 1991), que entendemos ser a marca distintiva do velho, é construído no presente, ele é mais um momento desse exercício de revisão de vida que é feito cotidianamente ao longo dos anos e que tem as marcas do tempo. É a vivência do presente - hoje, um tempo de mudanças rápidas - que suscita o velho a buscar estratégias práticas e simbólicas para a vivência dessa etapa da vida.

Assim, ao compartilhar conosco o modo como a história e a cultura o constituíram, os velhos nos ajudam a reconstruir trajetórias sociais, nos dão mapas, roteiros de mudanças e de processos que nos facilitam o entendimento do presente, “alargando suas margens” (BOSI, 1994), mostrando a densidade de suas relações e espaços. A história contada como experiência - a substância da conversa com os idosos

- é uma tradução do modo como a cultura atua na construção de sujeitos concretos, constituindo lógicas vivenciadas integralmente em suas escolhas e relações cotidianas : no trabalhar, no morar, no comer, na relação com o corpo, o tempo e o espaço. Visto assim, o velho revela-se grande parceiro no deciframento da complexidade da vida, ao compartilhar conosco sua perspectiva, seu olhar marcado por uma inserção particular no tempo. Um tempo histórico profundo, mas também feito de situações imediatas, onde constantemente a identidade é refeita e todo um sistema cultural é reconstruído. Ao contar sua história, o narrador nos conduz a um determinado mundo social visto na perspectiva de suas mudanças e continuidades.

Conhecendo os idosos do D. Bosco

A base empírica de nosso trabalho se constitui de registros audiovisuais que produzimos acerca dos modos de vida dos velhos e suas narrativas de histórias de vida. Para a elaboração desse campo documental, trabalhamos com 13 idosos entre 65 e 87 anos, moradores do bairro Dom Bosco. São dois homens, Sr. Francisco (68), Sr. Isaías (86), e onze mulheres: D. Tercina (87), D. Percília (77), D. Vera (81), D. Maria Aparecida (71), D. Maria da Conceição (79), D. Heloísa (70), D. Emília (86), D. Doromar (79), D. Teresa (73) e D. Aparecida (66), D. Maria da Graça (65).

Um dado importante registrado nos discursos de todos os idosos é a recuperação da história pessoal como parte da história familiar. É possível compreender, por meio dessa narrativa, que, em sua maioria, esses idosos estão inseridos em grupos de parentesco radicados há vários anos no bairro. Para alguns, ali viveram seus antepassados e vivem alguns de seus descendentes, constituindo uma parentela extensa fixada no mesmo espaço. Em muitos casos foram eles os responsáveis pela fixação da família de origem no bairro, trazendo pais e irmãos de outros bairros ou cidades da Zona da Mata mineira e em outros, vieram na trilha de parentes que sinalizavam novas oportunidades de trabalho e vida na cidade.

Dom Bosco? Foi quando eu conheci... Eu vim pra cá... Comecei a conhecer todo mundo e resolvi trazer a minha mãe, aí comecei a procurar casa pra trazer ela pr'aqui. Aí o lugar que eu consegui arrumar uma casa foi no Dom Bosco e chamava Serrinha. (...) Eu ganhei da Conferência São Vicente, né? Eu ganhei esse pedacinho de terra aqui. Aí eu pensei assim: gente, eu tenho um terreninho lá, não fiz nada lá: - Vou fazer um barraco lá no Dom Bosco e mudo pra lá, pelo menos não vou pagar aluguel. D. Percília

Esse trecho traz uma questão muito importante nesse universo que é a relação dos idosos com o território do bairro e com o espaço da casa. A geração dos

entrevistados consolidou a inserção do grupo no trabalho urbano e enfrentou os processos de exclusão territorial da cidade, vivenciando a busca pelos terrenos mais acessíveis, muitas vezes não regularizados e em locais sem infra-estrutura e serviços públicos fundamentais. D. Percília, no trecho acima, refere-se ao fato da ocupação dos lotes do bairro ter sido, em grande parte, conduzida pela ação da Ordem dos Vicentinos que recebera doações de terras de uma família, antiga proprietária de grande parte do terreno. A irregularidade e ilegalidade na ocupação dos terrenos é uma realidade que marca o bairro. Contudo, é importante destacar que todos os idosos entrevistados conseguiram se fixar nesse território, construindo as casas que hoje abrigam seus filhos e netos.

Outro dado importante na caracterização do grupo pode ser identificado nas imagens sobre a infância. A infância é mostrada como tempo roubado pelo trabalho, mas esse dado é naturalizado, pois percebido como parte de uma socialização necessária e a única possível para o pobre, processo sancionado pelos pais que são as figuras que conduzem os filhos ao mundo do trabalho, barrando a continuidade do estudo. A maioria dos idosos estudou menos de quatro anos, como é o caso de D. Maria da Conceição.

Com oito anos eu já trabalhava em casa de família. Comecei cedo, não estudei. Estudei só o primeiro e segundo ano. Aí já comecei a ajudar em casa. E somos nove irmãos, eu tinha um mais velho do que eu. Os outros todos mais novos. E é assim a vida, a vida foi essa.

A lembrança de D. Tercina, lavadeira de 87, mostra que essa naturalização do trabalho era reforçada na própria escola, com o incentivo das professoras: “Vamos lá pra casa, arrumar meu banheiro, minha cozinha. E aí a gente apanhava aqueles trocadinho, vinha e dava pra mãe.” Esse trecho toca também na questão das ocupações desses idosos em sua vida produtiva. Trata-se aqui de um grupo predominantemente formado por trabalhadoras domésticas e lavadeiras. Apenas D. Emília e os senhores Isaías e Francisco exerceram outras atividades, no setor de serviços e em fábricas. As demais senhoras desempenharam tais funções durante toda a vida profissional ou boa parte dela. Algumas, como D. Tereza, nunca conseguiram um vínculo formal, contribuindo para a Previdência como trabalhadoras autônomas. Mesmo assim conseguiram se aposentar, várias por invalidez ou pela idade. Apenas D. Tercina, apesar de trabalhar há mais de 60 anos como lavadeira, não se aposentou, mas é pensionista.

Enfim, para todos, a renda como beneficiários da Previdência, em torno de um a no máximo dois salários, é, atualmente, fundamental para sobreviverem de forma

independente, bem como para ajudar ou garantir a provisão de seus parentes. D. Doromar sintetiza essa posição, quando perguntada sobre quem mantinha a casa na qual ela mora com quatro netos e um filho: (E como ficou nesse tempo o sustento da casa?) “Nas costas da Dorinha! Nas costas da mãe e da avó que ajudou a criar muitos netos. Nas costas larga aqui.”

No terreno de Doromar, três de seus filhos construíram suas casas e, como estão em situação precária de trabalho, recebem a ajuda da mãe. De um modo geral, atualmente, todos os entrevistados vivem inseridos nessas redes de parentesco, mesmo que alguns deles morem sozinhos na casa principal de um “quintal” (GUEDES, 1998).

A reciprocidade como valor cultural

Esse quadro de narrativas registra a diversidade do envelhecimento, mas também suas grandes marcas sociais, dadas pela classe, a geração e o gênero. Nesse sentido, há o registro de experiências e modos de vida compartilhados por uma coletividade, de uma memória coletiva, um universo cultural comum. Elementos que ganham expressividade, nas histórias narradas, por meio de referências de tempo e espaço construídas na linguagem dos narradores. Sobre esse aspecto, um dos eixos identificados como centrais no universo pesquisado foi a constante referência, por parte dos idosos, a sua especificidade como geração legatária e transmissora do valor contido nas relações de reciprocidade entre parentes e vizinhos. A obrigação da ajuda e da reciprocidade, criando redes de parentesco e vizinhança baseadas no compromisso mútuo com a ajuda e a solidariedade aparece como um valor, um código importante para a reprodução material e simbólica do trabalhador pobre ao longo do tempo. Uma tônica das narrativas é a apresentação desse código como um critério de sociabilidade compartilhado com as gerações mais antigas e que é ou ainda deveria ser válido para esse grupo, ou seja, os velhos reivindicam a autoridade desse critério para avaliarem as relações e processos de mudanças existentes no presente, denunciando as mudanças que impedem as gerações de se comunicarem, sobretudo a elevação das expectativas materiais das novas gerações e a quebra das hierarquias⁷. Essa dimensão dos relatos é a mais expressiva da compreensão dos narradores acerca de sua inserção, enquanto uma geração específica, numa

⁷ A noção de geração social nos remete a um dos traços centrais da sociabilidade moderna: o ritmo acelerado das mudanças, a existência de uma dinâmica social intensa e a necessidade de transmissão de uma herança cultural no seio de um movimento constante de aparecimento e desaparecimento de novos grupos de idade ao mesmo tempo que de saída de participantes anteriores do processo de cultura. Trata-se aí do principal aspecto trabalhado por autores como MANNHEIM (1990) e THOMPSON (1998), que sublinham tanto a importância da geração na constituição de uma memória coletiva quanto dessa última como herança social importante na avaliação de situações presentes.

temporalidade mais ampla. Na linguagem narrativa, é na constante oposição entre presente-passado, jovens e velhos, que esse aspecto aparece.

O bairro como espaço de sociabilidade e trocas solidárias

Dona Tercina, lavadeira de 87 anos, ainda em atividade, mostra como essa percepção é construída por meio de vivências socializadoras concretizadas no próprio corpo em sua relação com o espaço.

já amassei muito barro no trilho aí... Depois, com muito custo, eles puseram luz na rua. Aquela lampadazinha pequenininha que só clareava no lugar onde que tava o poste e pra frente tava escuro. Mesmo assim a gente passava, mas, às vezes a gente saía do serviço e passava. Mais perto é pela estrada, e sempre tinha um (não importa se é mulher, se é homem). - Você vai subir? - Então vamos junto. Então a gente sempre tinha uma pessoa que vinha e era assim. Tinha hora que a gente tirava o sapato e vinha com o pé no barro mesmo pra não estragar o sapato. Foi assim que aqui todo mundo, quem mora aqui há vários anos, todo mundo fez isso. Aí veio muitos depois, né? De fora daqui, né? Veio muitos de fora pra cá, né? Mas tem aí, ainda tem muito antigo aí, misturado aí, né?

É interessante notar como a dificuldade vivenciada pela falta de estrutura do bairro é revestida pela experiência da solidariedade entre os que compartilhavam a mesma situação o que é apresentado nitidamente como algo que distinguia as pessoas de um tempo, da geração “dos antigos”: “foi assim que aqui, todo mundo, quem mora aqui há vários anos, todo mundo fez isso.”

D. Tercina, uma das entrevistadas mais velhas, é também uma das que mais nos oferece imagens sobre o bairro como um espaço de solidariedade e de lazer. Ela lembra dos “bailes de família”, improvisados na rua, ao som da sanfona. Doromar também tem muitas lembranças do “tempo alegre” do bairro, sobretudo das histórias da Unidos Da serra, escola de Samba fundada por seu marido. Essas lembranças, que destacam a solidariedade e sociabilidade como valores coletivos, são também registros de mudanças no bairro. A perda concreta desses espaços de lazer e sociabilidade que caracterizaram a história do bairro é registrada: o bairro perdeu seu campo de futebol situado na área onde hoje existe um shopping center e a bica, que ficava na região onde funciona hoje um hospital. Essas perdas são associadas a mudanças nas relações entre as pessoas, sobretudo entre os jovens.

Ah, mudou... A gente não vê nada, não vê alegria! A gente só vê morte! Morte, briga, e droga e. só vê isso! Você passa na esquina, só vê assunto de droga, você passa na outra esquina só vê assunto de que vai matar fulano, que vai brigar com ciclano, que vai fincar faca no outro, ih! É horrível! Tem muito “bebum”... Nossa Senhora! Muito “bebum”, inclusive meu filho mais velho, um “bebum” de marca maior, nossa mãe! O bairro tá é isso! É porque não tem, aqui não tem um clubezinho, não tem ninguém pra fazer uma escola de samba, um clube, uma

diversão, aqui não tem diversão nenhuma! Não tem um parquinho pras criança, não tem nada! (D. Doromar)

Unia todo mundo! As poucas casa todo mundo ia! Nos bailes, nas festas juninas, nos aniversários! Aí nos aniversários um vizinho ajudava o outro, fazia aquelas latas de 20 litros de doce de mamão, doce de abóbora, de cidra né?! Fazia aquele bolo em casa né?! Tudo era feito em casa né?! Aquele licor, aí era divertido! (**E hoje como está o lazer?**) Hoje não tem área de lazer, se a gente quiser, que faz o lazer da gente né?! Vai no parque Halfed, senta, fica conversando né?! Aqui não tem mais nada! Nada! Assim, o campo do Lasset né?! Que tinha o campo de futebol, a gente ia no futebol aos domingos né?! E agora, né?! Depois eles fizeram uma pracinha com banquinho pra gente sentar e tudo, agora acabou tudo né?! (...) Ah, uma quadra de futebol, assim, pras crianças né?! De lazer, um parquinho, ter um salão pra fazer festinha pros idosos né menina?! Ficaria bom, né?! Pra divertir, passear, fazer assim também um coral de música pros idosos né?! Isso é importante. Fazer assim igual a AMAC né?! Que tem bailes, tem trabalho né?! Tem tudo ali! (D. Maria Aparecida)

4) O cotidiano como elemento da cultura

No grupo pesquisado, a reconstrução dessas referências é feita principalmente pelas mulheres entrevistadas. Essas senhoras mostram que essas redes se reproduzem num território específico, o ambiente doméstico, mostrando a importância da casa nesse sentido. Uma das atividades domésticas mais importantes é preparar a alimentação. Cozinhar é, assim, um dos elementos do cotidiano que constituem parte essencial do universo cultural dessas idosas. Esse foi um dos temas escolhidos pelo projeto para a produção de vídeos, em que as narrativas dos idosos assumem também a dimensão de ser o principal elemento da produção audiovisual, entendida esta como parte de uma ação cultural. O “ato enunciativo”, como diz Certeau (2007), se constitui em uma das maneiras utilizadas pelos sujeitos no processo criativo. Assim, as falas das idosas compõem uma teia de cultura, que é preciso estar atento para se perceber. Raymond Williams assinala: “as ordens sociais e as ordens culturais devem ser encaradas como se fazendo ativa e continuamente, ou podem muito rapidamente desmoronar” (1992, p. 198). Fazer ver tais ordens é contribuir para que não sejam relegadas a um plano marginal.

Buscamos, nessa perspectiva, desenvolver produtos audiovisuais que dessem espaço à manifestação – e também publicidade, com apresentações nos bairros e outros locais da cidade – daquelas perspectivas culturais manifestas pelos idosos com os quais passávamos a conviver. Tal produção audiovisual busca desenvolver ações pautadas pela perspectiva de cidadania cultural, tal como definida por Marilena Chauí:

Trata-se, pois, de uma política cultural definida pela idéia de *cidadania cultural*, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões de mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos (CHAUI, 2006, p.138).

Chauí destaca que, ao passar a significar o campo das formas simbólicas, “cultura passa a ser entendida como criação coletiva da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de habitação, vestuário e culinária, das manifestações do lazer, da música, da dança, da pintura e da escultura, dos valores e das regras de conduta, do sistema de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco e as relações de poder” (CHAUI, 2006, p. 131).

A filósofa discute a questão da cultura popular:

(...) sabemos que o lugar da cultura dominante é bastante claro: é o lugar a partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social. Mas esse lugar também torna mais nítida a cultura popular como aquilo que é elaborado pelas classes populares (...) segundo o que se faz no pólo da dominação, ou seja, como repetição ou como contestação, dependendo das condições históricas e das formas de organização populares” (idem, p. 133-134).

Assim, fica clara a concepção de Chauí de que é cultura popular aquilo que se produz seja como contestação mas seja também como repetição, quando tem como origem o pólo da dominação; retira assim o caráter necessariamente contestatório da cultura popular. O que remete à discussão das políticas ou ações que estimulam essas perspectivas criativas ou, ao contrário, referem-se essencialmente ao reforço do paradigma do mercado.

Ela rejeita a possibilidade de que o campo da criação cultural possa ser definido pelo prisma do mercado,

não só porque este opera com o consumo, a moda e a consagração do consagrado, mas também porque reduz essa forma da cultura à condição de entretenimento e passatempo, avesso ao significado criador e crítico das obras culturais. Não que a cultura não tenha um lado lúdico e de lazer que lhe é essencial e constitutivo, mas uma coisa é perceber o lúdico e o lazer no interior da cultura, e outra é instrumentalizá-la para que se reduza a isso, supérflua, uma sobremesa, um luxo num país onde os direitos básicos não estão atendidos” (ibidem).

As pessoas comuns, que estão no pólo da subalternidade, normalmente não são identificadas como “artistas” na acepção mais comum da palavra, mas “também são produtoras de cultura, no sentido antropológico da palavra: são, por exemplo, sujeitos, agentes, autores da sua própria memória” (CHAUI, 2006, p.137-138).

Os usuários de cultura criam suas maneiras de fazer, que “constituem as mil práticas pelas quais [...] se re-apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (Certeau, 2007, p. 41).

5) Considerações gerais: cultura popular e os vídeos sobre culinária

A produção de vídeos dois vídeos sobre culinária com antigas moradoras do bairro Dom Bosco mostrou um pouco desse universo do seu cotidiano e da sua cultura. Produzidos nos meses de agosto e setembro de 2009, os vídeos são curtos (entre seis e sete minutos) e apresentam receitas escolhidas e preparadas por integrantes de uma oficina de mídias desenvolvida com idosos da região, realizada no Grupo Espírita Semente.

O objetivo dos vídeos era mostrar a importância que o hábito de cozinhar possui na rotina e na história dessas idosas, como a culinária faz parte da maneira de ser, agir e de se relacionar com o entorno social e com as situações cotidianas dessas pessoas. Outra intenção era a de apresentar aos idosos a noção de que eles podem se relacionar com as mídias não apenas como consumidores de informação, mas também como produtores. Nos vídeos é perceptível como a alimentação e a cozinha incorpora valores, hábitos e sensações à vida dessas moradoras – integrando elementos de identidade e influenciando comportamentos.

Gravado na cozinha do Grupo Espírita Semente, o primeiro vídeo traz a receita do bolo “peteleco”. A sugestão de mostrar como preparar essa sobremesa foi feita por D. Aparecida (Cida) em uma das oficinas de mídias para idosos. O projeto “Comunicação, Memória e Ação Cultural” financiou os ingredientes, aventais e luvas (os dois últimos, exigências do Grupo Semente para que pudesse ser utilizada a cozinha da entidade). Quem também participou dessa atividade de culinária foi D. Maria da Graça (Graça).

Já o segundo vídeo foi gravado na casa da D. Maria da Graça. Após a confecção do bolo peteleco, ela sugeriu e se dispôs a fazer um pé-de-moleque. Como na receita anterior, o projeto comprou os ingredientes; mas desta vez quem participou da atividade ajudando na cozinha foi a D. Heloísa – vizinha da D. Graça. Produzidos, gravados e editados, os vídeos foram (até este momento) apresentados em duas ocasiões: durante uma “sessão de cinema comunitário”, na entidade católica Associação dos Amigos, e

em outra sessão, na escola municipal, ambas no bairro do Dom Bosco. Descrevemos a seguir alguns aspectos dessas duas curtas produções audiovisuais.

Bolo peteleco

Por ter sido gravado na cozinha do Grupo Espírita Semente, o vídeo sobre o bolo peteleco foi muito influenciado pelo distanciamento de quem fazia a receita em relação ao seu entorno. Por se tratar de uma cozinha institucionalizada, as pessoas que participaram da atividade não se sentiram muito à vontade e D. Cida reclamou inclusive que seu bolo não ficou da maneira que deveria, já que a pré-fixação de um horário para término da atividade não teria possibilitado que o bolo esfriasse o suficiente antes de ficar pronto para ser experimentado.

Este contexto – de desconforto e formalidade – foi reforçado por regras de conduta que não condiziam com os costumes das idosas envolvidas. O principal exemplo foi a obrigatoriedade (por parte da instituição onde estavam) do uso de toucas, luvas e aventais. D. Cida reclamou bastante. “Em casa é melhor. Bota uma roupa qualquer, fica toda à vontade, aquele cabelo que parece que quer voar, que vai pedir misericórdia”.

Pode-se perceber que a atividade de culinária foi uma oportunidade encontrada por D. Cida para se valorizar como uma cozinheira capaz de fazer qualquer comida e que não precisa de receita para cozinhar bem.

Se eu fizer as coisas medidas eu não consigo fazer nada. Nada eu faço com receita... Eu tenho uma receita de casquinha de siri, ela é duas folhas de caderno. Eu faço ela, não leva meia folha de caderno (...) Eu não cozinho muito não, não sei cozinhar muito não, mas eu já fui convidada até pra ser contínua de cozinha. As pessoas que são pagas pra corrigir os erros das outras na cozinha.

D. Aparecida gosta de mostrar que sabe muita coisa de cozinha e que conhece pratos, técnicas, “manhas” que são pouco conhecidas e que, em razão disto, fazem dela uma grande cozinheira. “É um bolo que quase ninguém conhece... Tem leite aqui não, tem água”. Não deixou que ninguém a ajudasse e nem que opinasse durante a receita; repreendendo, inclusive, por algumas vezes a colega de oficina D. Maria da Graça. “Não pode mexer, tem que deixar ele quietinho”.

Apesar de conduzir os rumos da receita, D. Aparecida se mostrou muito constrangida diante das câmeras. Isso pode se dever ao fato de ser uma relação muito nova para ela, mas também porque o espaço onde foi gravada a atividade interferiu

bastante na sua falta de espontaneidade. Ainda assim, ela explicitou como é intensa a relação entre a culinária e a vida dela. Comentou, inclusive, sobre o que ela faz quando espera algum prato no forno. “Vou lavar uma vasilha que tem pra lavar, vou ver televisão ou vou sentar lá fora pra conversar com os outros”.

O “repertório” de receitas de D. Cida, o aprendizado e o contato com a cozinha estão intimamente ligados ao seu universo laboral – o que caracteriza a história de boa parte das moradoras mais antigas do Dom Bosco. “Eu trabalhava na casa dos outros, aí as mulheres estavam fazendo comida e eu ia olhar elas fazer”. Ela, aliás, não se envergonha - ao contrário, se orgulha - de ser uma cozinheira formada pela experiência, e não em cursos técnicos. “Pra mim, falar ‘eu vou te dar a receita’, eu não sei, porque nem eu sei a receita”. O fazer é memorizado sem anotações, a partir da própria rotina da atividade.

Para D. Aparecida, a culinária é uma questão de sobrevivência e por isso é preciso saber improvisar e ser criativo. “Na cozinha todo mundo tem que comer, então você tem que aprender alguma coisa senão você se ‘lasca’”. Esse pensamento mostra como aquelas pessoas, em seu cotidiano, descobrem maneiras de superar as dificuldades e encontrar saídas para diferentes situações.

Pé-de-moleque

Já o vídeo gravado na casa da D. Maria da Graça teve como principal característica a intimidade da fala e um ambiente de descontração – com a presença e participação, inclusive, de familiares (netos) e de uma vizinha (D. Heloísa). Por algumas vezes os netos da D. Graça aparecem nas filmagens acompanhando a confecção do doce e, depois, comendo. A própria avó era quem os chamava para participar. “Ei Bianca, vem cá na vó... Vem cá, Rian”.

Não houve constrangimento nem da parte de quem fazia a receita, nem de quem assistia e gravava. D. Maria da Graça não se inibiu ao falar diante das câmeras, nem ao contar passagens da vida dela. O ambiente familiar pode tê-la ajudado a se descontrair. O fato de a receita ter sido gravada na própria casa nos aproximou da realidade em que esta senhora vive e conferiu naturalidade aos depoimentos e à atividade. Pode-se ver como é a casa, a cozinha, quais são as dificuldades, as carências e algumas particularidades – como louças e móveis.

D. Graça dividiu bem suas atenções entre cozinhar e falar da vida. Estar na própria cozinha fazendo um prato que ela mesma escolheu deu-lhe segurança suficiente para transformar a receita em um pano de fundo para o relato da própria história. Lembrou da época em que trabalhou no seminário Dom Orione, contou casos da vida que não tinham relação direta com a receita – relacionamento dos filhos, idas à feira – e demonstrou estar muito à vontade com aquilo tudo que acontecia na cozinha dela. A intimidade foi tamanha que ela concordou inclusive em cantar uma música, como costuma fazer enquanto cozinha: “Vai manter a tradição, vai meu bloco tristeza e pé no chão”.

Ao contrário da D. Aparecida, que ressaltou suas qualidades como cozinheira, Maria da Graça, bastante saudosista, preferiu lembrar e descrever o quão prazerosa e divertida era, em outros tempos, a sua relação com a cozinha – mesmo no trabalho. “O que eu gostava era da cantoria. A gente parava dez e quinze da manhã, tinha um lanche. Podia tomar leite com bolo, café com leite. A gente vinha lá da lavanderia e parava pra ter o lanche”. Ela contou também como o trabalho era importante para a economia doméstica. “Sinto falta do fim de semana, porque eles não pagavam hora extra, mas eles davam pra gente dois litros de leite, a gente ganhava verdura”.

Como no primeiro vídeo, são mostrados alguns “macetes” do dia-a-dia da atividade culinária – como descascar o amendoim torrado soprando as cascas. Maria da Graça não se importou em citar técnicas ensinadas por outras pessoas. “Igual a moça falou: se tiver um lugar pra você quebrar, no quintal, na cozinha, você quebra sim. Se não tiver a gente faz derreter” – se referindo à rapadura. Ela, inclusive, lembrou a atividade anterior e fez leves críticas ao jeito da outra cozinheira, o que remete à ideia de competitividade, ou, ao menos, à percepção de como a cozinha e a culinária estabelecem uma relação de poder e afirmação naquele grupo.

Como aconteceu com D. Aparecida, a escolha de D. Graça não segue diretamente uma tradição, mas relaciona-se com a história e com a rotina dela, que aprendeu a receita no Globo Rural, um programa com a temática da roça, que remete ao passado de muitos moradores que pertencem às gerações mais velhas do bairro - e após a missa do Padre Marcelo Rossi na televisão, aspecto que reflete a religiosidade, também presente na rotina de muitas idosas do Dom Bosco. D. Graça, no vídeo, da mesma forma como no trabalho anterior, lembrou de como começou a cozinhar no



serviço. “Comecei a trabalhar com onze anos de idade na casa dos outros. Comecei a ser babá. Aí, de babá, eles começaram a pedir pra adiantar o almoço. Aí quando eu via já tava com a comida pronta”.

Os vídeos produzidos nos revelaram semelhanças, como o fato de serem receitas baratas, adequadas ao baixo poder aquisitivo de grande parte dos moradores do Dom Bosco. Apesar de idosas, elas não se preocuparam em fazer receitas de pratos usualmente chamados de saudáveis – com poucas calorias, gorduras ou algo semelhante. Para elas, a alimentação e a culinária se relacionam essencialmente com o prazer, com a simplicidade e se remetem ao seu saber-fazer adquirido em rotinas de trabalho, com pouca ou nenhuma orientação organizada, como cursos de culinária ou ensinamentos especiais. Que são substituídos, para essas idosas, por sua experiência vivida.

Referências bibliográficas

- BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.
- BRITTO DA MOTTA, A. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu** (13), 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis : Vozes, 2007.
- CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **A rosa do povo**. 10 ed. Rio de Janeiro : Record, 1999.
- GUEDES, Simoni Lahud. **Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir dos quintais**. Caderno CRH, nº 29, Salvador, Jul. / Dez., 1998.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia do conhecimento**. II volume. Porto : RÉ S Editora, s/d.
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo : Companhia das Letras, 1998
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.